



A FORÇA DA MULHER ATRAVÉS DE IEMANJÁ E O QUE ISSO REFLETE NA MODA

The strength of women passes through Iemanjá and what this reflects on fashion

Medrado, Nicolly; bacharelanda; Universidade de Sorocaba, nicollymedrado5@gmail.com¹
Okasaki, Aymê; PhD; Universidade de Sorocaba, ayme.okasaki@hotmail.com²

Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e
Afro Diaspóricas³

Resumo: Esse é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso, que aborda a imagem da divindade iorubá Iemanjá, para a coleção de moda, trazendo alguns de seus mitos e mostrando como esses, podem influenciar e inspirar a feminilidade da mulher brasileira, tanto em suas vestes, como em seu modo de agir. Além disso, a pesquisa também traz em sua problemática as representações da figura de Iemanjá, sobre seu embranquecimento nas religiões afro-brasileiras e interpretações em seus trajes.

Palavras chave: Iemanjá; religiões afro-brasileiras; Umbanda.

Abstract: This is an excerpt from a Course Completion Work, which addresses the image of the Yoruba deity Iemanjá, for the fashion collection, bringing some of her myths and showing how these can influence and inspire the femininity of Brazilian women, both in their clothing and in their way of acting. In addition, the research also brings in its problematic the representations of the figure of Iemanjá, about her whitening in Afro-Brazilian religions and interpretations in her costumes.

Keywords: Iemanjá; Afro-Brazilian religions; Umbanda.

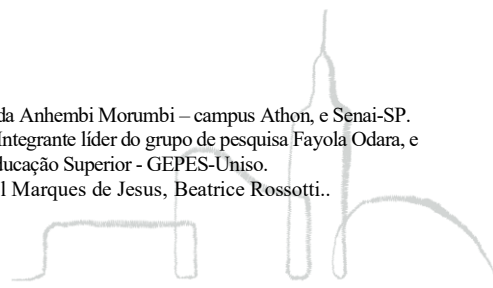
Introdução

A moda, enquanto campo multidisciplinar, envolve aspectos culturais, históricos e identitários (Martins, 2016), dialogando com construções simbólicas e religiosas. Este estudo analisa a construção imagética, a partir de suas origens africanas e representações no Brasil (Bastide, 1971; Silva, 2005), evidenciando como o sincretismo religioso transformou sua imagem (Ferretti, 2013). Também se estabelece um paralelo entre a divindade e a mulher brasileira, refletindo sobre feminilidade e identidade racial (Gonçalves, 2006). Nesse sentido, a moda é compreendida como

¹ Bacharelanda em Moda pela Universidade de Sorocaba-SP. Mulher negra, neta de mãe de santo.

² Docente no Bacharelado em Moda da Universidade de Sorocaba e nos Tecnólogos em Moda e Produção do Vestuário da Anhembi Morumbi – campus Athon, e Senai-SP. Bacharela e Mestra em Têxtil e Moda (USP), licenciada em Artes Visuais (FAAL) e Doutora em História Social (USP). Integrante líder do grupo de pesquisa Fayola Odara, e integrante dos grupos Moda, Produção, Cultura e Sociedade no Brasil; Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Políticas de Educação Superior - GEPES-Uniso.

³ Grupo composto por José Roberto Lima Santos, Marina de Mello e Souza, Eliany Cristina Ortiz Funari, Marcel Marques de Jesus, Beatrice Rossotti..





expressão cultural capaz de reforçar ou desconstruir narrativas, sendo a representação de Iemanjá atravessada por relações de poder e identidade de gênero (Vallado, 2019).

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, buscando compreender a construção da imagem de Iemanjá, seus mitos e como eles podem impactar no imaginário coletivo e, também o que o sincretismo religioso influencia na imagem da entidade. O método escolhido possibilita uma análise visual interpretativa e comparativa da Iemanjá branca, da figura de Iemanjá negra como nas esculturas de madeira iorubá (Fig.1), considerando aspectos históricos, culturais e estéticos.

Figura 1 – Representações brasileiras e africana de Iemanjá

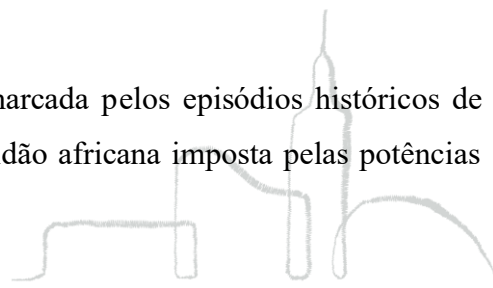


Fonte: Forças de Aruanda, 2025; Extra, 2012; Extra, 2018.

O tipo de pesquisa adotado foi o exploratório-descritivo, uma vez que o objetivo foi investigar e descrever a influência do sincretismo na representação visual de Iemanjá, identificando suas diferentes narrativas e interpretações. Para isso, foram utilizados procedimentos técnicos como revisão bibliográfica e pesquisa documental, analisando fontes acadêmicas, materiais iconográficos e registros históricos sobre o tema.

Afro-Brasil

A formação cultural e religiosa do Brasil está profundamente marcada pelos episódios históricos de violência, resistência e reinvenção. Entre os séculos XV e XIX, a escravidão africana imposta pelas potências





européias, especialmente Portugal, não apenas moldou a estrutura econômica da colônia, como também interferiu diretamente na espiritualidade dos povos trazidos à força para o território brasileiro. Em meio à opressão e à tentativa de apagamento cultural, os africanos encontraram formas de preservar suas crenças por meio do sincretismo religioso, interpretando e adaptando seus orixás às figuras do catolicismo dominante. Este texto busca apresentar como a fé e a resistência religiosa caminham lado a lado na trajetória dos povos escravizados no Brasil (Silva, 2005).

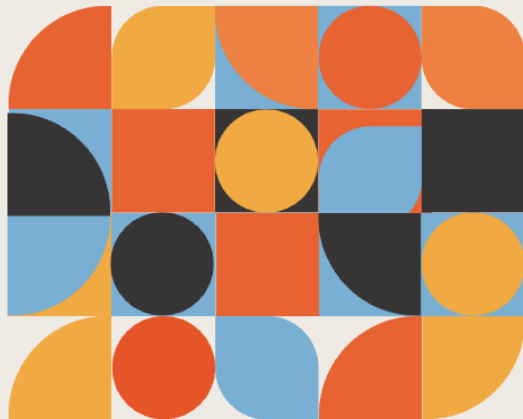
Escravidão

Em 1454, o Papa Nicolau V, por meio da Bula *Romanus Pontifex*, concedeu a Portugal exclusividade na exploração da costa africana e legitimou a escravização sob o pretexto da salvação cristã. A decisão foi reafirmada por Calisto III (1456) e Sixto IV (1481), consolidando o papel da Igreja católica na justificação religiosa da violência (Junior, 1998). Apesar da brutalidade, os povos africanos resistiram. Como lembra Gonçalves (2006), mesmo após a diáspora, grupos como muçurumirins, malês, mandingas, bantos, jejes e angolas recriaram identidades e tradições, como o jeje-nagô, preservando e adaptando espiritualidades, memórias e práticas culturais que permanecem vivas na música, na dança e na culinária brasileira.

Sincretismo

Proibidos de manifestar suas crenças, sob risco de punições ou morte, bantos, iorubás, fon, entre outros, preservaram sua religiosidade associando orixás a santos católicos. Assim, Iemanjá passou a ser vinculada a Nossa Senhora dos Navegantes, à Conceição e à Virgem Maria (Ferretti, 2013), vínculos realizados por semelhanças simbólicas e históricas quanto por vínculos comuns aos elementos da natureza, como os rios e o mar.

Essa aproximação é tão recorrente que, em buscas digitais, surgem imagens de ambas simultaneamente. O sincretismo, assim, garantiu a resistência das religiões afro-brasileiras, ainda que muitas vezes ocultas sob códigos do catolicismo. No Rio de Janeiro, essa fusão ganhou particular intensidade (Ferretti, 2013). Robert Farris Thompson (2011) observa que a imagem de Iemanjá foi reinterpretada à luz da Virgem Maria, resultando em figura sincrética que une força do mar e amor materno. Exemplo disso é um leque ritual do início do século XX: no centro, o coração transpassado – motivo Nossa Senhora das Dores –, envolto pela forma circular dos leques iorubás. Moedas e pingentes



em forma de coração simbolizam abundância e afeto divino (Thompson, 2011), evidenciando como a criatividade afrocatólica ressignificou símbolos para preservar ambas as tradições.

O conceito de sincretismo tem sido objeto de estudo em diferentes períodos, analisado por diversos autores. Segundo Ferretti (2013), Nina Rodrigues foi pioneiro nas pesquisas afro-brasileiras. Embora o termo fosse utilizado, preferia expressões como fusão, dualidade de crenças, justaposição de ideias, associação e equivalência de divindades, “adaptação fetichista ao catolicismo” ou “ilusão da catequese”. Para ele, a palavra não abrangia toda a complexidade do fenômeno.

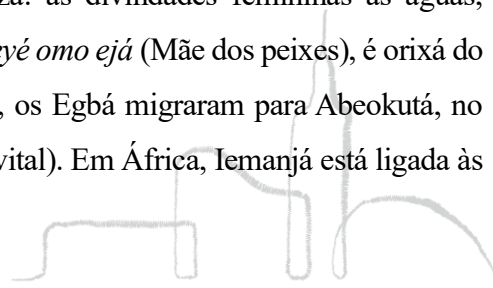
Na década de 1930, surge o termo aculturação, definido como processo de contato entre culturas distintas que absorvem elementos umas das outras. Arthur Ramos, médico e antropólogo, foi o primeiro brasileiro a relacionar sincretismo à aculturação, em um período no qual ainda não se reconhecia claramente a noção de resistência cultural (Ferretti, 2013). Waldemar Valente (1976 *apud* Ferretti, 2013) definiu o sincretismo como processo de resolução de conflitos culturais, ideia próxima às concepções atuais. Melvelli Herskovits (1969 *apud* Ferretti, 2013), por sua vez, entendia-o como reinterpretação, isto é, renovação cultural.

Roger Bastide (1971) via o catolicismo como disfarce e, também, como causa de complexo de inferioridade imposto aos negros, por ser considerado religião superior. Embora crítico ao termo “sincretismo”, preferindo a noção de aculturação, suas análises da década de 190 ainda encontram eco na atualidade. Segundo Roberto da Motta entende que o sincretismo não é disfarce, mas apropriação legítima dos bens do opressor pelo oprimido, vivida com todas as contradições (Motta, 1982 *apud* Ferretti, 2013), o sincretismo complementa aspectos “desconexos” da mitologia, preenchendo lacunas dos orixás.

Assim, observa-se que nenhuma religião pode ser considerada pura: todas resultam em interações humanas, adaptações culturais, transmissões orais e escritas, além de atravessamentos políticos e de poder.

Iemanjá africana

Entre os iorubás, os orixás relacionam-se aos elementos da natureza: as divindades femininas às águas, sobretudo rios, e a divindades masculinas à terra. Iemanjá, também chamada *Yeyé omo ejá* (Mãe dos peixes), é orixá do povo Egba, originalmente situado entre Ifé e Ibadan. Após conflitos internos, os Egbá migraram para Abeokutá, no início do século XIX, levando objetos sagrados e suportes do *àse* (axé - força vital). Em África, Iemanjá está ligada às





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

águas doces, e seu culto inclui festivais anuais no rio Ogum (não relacionado ao orixá do ferro), com oferendas de animais, frutas, tecidos e objetos associados à fertilidade e maternidade (Vallado, 2019).

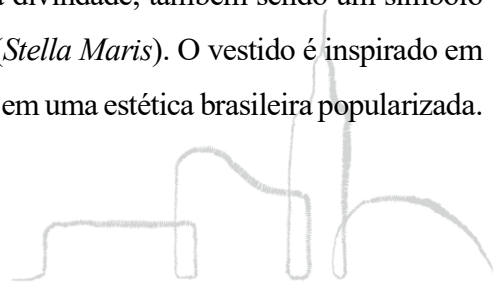
Manuel Querino (1983) ressalta a devoção africana às forças da natureza, onde mares e rios abrigariam divindades capazes de auxiliar os humanos. Para obter ajuda, batiam palmas três vezes diante do mar e suplicavam: “Mãe d’água, se me ajudares a ser feliz em tal negócio, eu voz dou um presente”. As oferendas incluíam pentes, sabonetes, perfumes e leques. O ritual, coletivo, era conduzido por um médium, responsável pelas preces e comunicação coma entidade, ao formar-se um redemoinho, os objetos eram depositados nas águas (Querino, 1983).

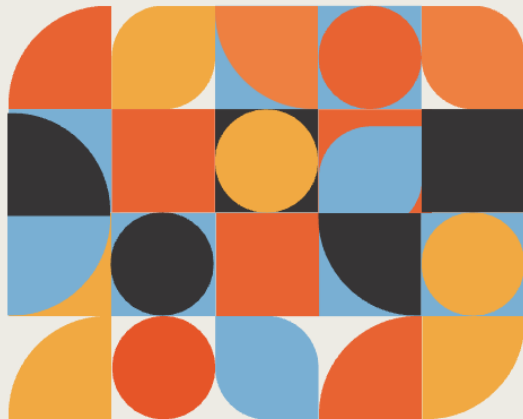
No imaginário africano, *Yemoja* é representada como mulher madura, de seios volumosos a mostra (símbolo da maternidade) e corpo arredondado, simbolizando força, resistência e o papel materno, como mostra a Figura 1, imagem da escultura da direita. A figura carrega um jarro na cabeça, reforçando o papel da água como elemento vital. Na saia de envoltório, a barra é decorada, com o que poderia ser búzios, símbolo de riqueza visto que eles foram muito utilizados como moedas de troca em parte da Iorubalândia; além de serem primordiais nos jogos divinatórios.

Iemanjá no Brasil

Trazida ao Brasil pela memória, espiritualidade e resistência dos povos escravizados, Iemanjá perdeu a ligação direta com o rio Ogum e passou a ser associada à vastidão do mar. Seu culto expandiu-se, alcançando diferentes territórios. No Brasil, manifesta-se em duas vertentes principais: o Candomblé, presente desde o século XVII (então chamado Calundu), que preserva tradições africanas; e na Umbanda, fundada em 1930, estruturada a partir da fusão de elementos africanos, indígenas, católicos e kardecistas. No território brasileiro, Iemanjá consolidou-se como divindade materna, “mãe das cabeças”, protetora da essência espiritual dos indivíduos. Sua saudação, *Odoyá mi* (Calma, minha mãe), permanece viva nos terreiros (Junior, 1998).

No imaginário popular, costuma ser representada como uma mulher branca, de cabelos pretos e ondulados, em vestido sereia branco/azul-claro justo ao corpo e longo, mangas sino longas e espécie de capa unida ao vestido (Figura 1, segunda imagem da esquerda). A estrela na cabeça reforça o simbolismo da divindade, também sendo um símbolo presente na iconografia cristã de Nossa Senhora, em especial a Virgem Maria (*Stella Maris*). O vestido é inspirado em trajes cerimoniais e no imaginário europeu de rainhas e deusas, mas já traduzido em uma estética brasileira popularizada. O tecido parece acetinado, reforçando a ideia de realeza.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Também há representações de Iemanjá como mulher preta, embora muitas vezes com traços eurocentrados e corpo associado à sedução (terceira imagem da esquerda). O corpo é decorado, não vestido com tecido. A imagem traz a rede de pesca como saia e dando a forma de uma cauda de sereia, o filá (franja de contas presente no traje das orixás femininas) cobrindo o rosto e compondo o adê, a coroa da rainha Iemanjá (a estrela também aparece, juntamente com a lua crescente; elementos presentes até hoje nos leques/espelhos de mão de Iemanjá; os abebês). Outras imagens a retratam como sereia, frequentemente chamada de Janáina, reforçando sua ligação com as águas, o feminino e as culturas indígenas (Silva, 2005).

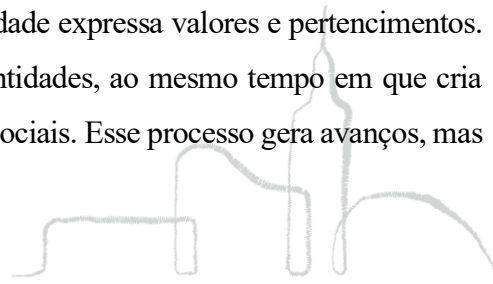
Dala Paes Leme

Iemanjá possui múltiplas representações, mas umas das primeiras imagens amplamente difundidas na Umbanda foi a de Dala Paes Leme, na década de 1950 (Fig. 1 imagem da esquerda). Nela, a orixá é representada como uma mulher de cabelos escuros e longos trançados, alta, de traços indígenas, olhar sereno e vestido fluido de modelagem sereia (justo no quadril, soltando a partir do joelho; remete ao vestido ocidental do início do século XX, com tecido liso, sem adornos complexos), que se funde ao mar, um tecido enrolado aos braços como um manto longo, esvoaçante, remetendo à iconografia mariana cristã (ou um pano-da-costa longo), e portando um arco de flores.

Há duas versões para a origem da obra. Segundo José Beniste, citado por Diamantino Fernandes Trindade, ela teria sido encomendada pelo marido de Dala como homenagem, retratando sua fisionomia, e sua repercussão deu origem às tradições de fim de ano nas praias da Umbanda. Outra versão sustenta que a própria Dala teria tido uma visão espiritual e, inspirada, pediu a um artista que a reproduzisse. Integrante da “Comissão de Divulgação de imagem”, difundiu o quadro em terreiros e manifestações populares. Em 1956, o Jornal de Umbanda (n 62) registrou a ampla circulação da pintura, destacando sua disponibilidade para terreiros e centros religiosos. Assim, a obra consolidou-se como uma importante representação de Iemanjá.

Moda e Comunicação

A moda ultrapassa o vestuário e constitui linguagem pela qual a sociedade expressa valores e pertencimentos. Para Marcus Martins (2016), a mídia atua como produtora de sentidos e identidades, ao mesmo tempo em que cria espaços de integração atravessados por gênero, raça, etnia e outras dimensões sociais. Esse processo gera avanços, mas





também homogeneização estética. Nesse contexto, a pintura de Dala Paes Leme, amplamente difundida, consolidou-se como matriz visual de Iemanjá: o vestido que contorna suas curvas projeta sensualidade e poder, elementos ainda presentes em sua representação atual (Martins, 2016).

Considerações Finais

Iemanjá, ao chegar no Brasil, passou por intensa ressignificação, revelando o impacto do sincretismo em sua representação religiosa e imagética. A associação da divindade e traços eurocêtricos expressa tanto o racismo estrutural e o embranquecimento das práticas afro-brasileiras quanto a adaptação estética diante do apagamento religioso. Assim, sua imagem tornou-se um símbolo ambíguo, marcado por apagamentos, mas também por resistências e memórias ancestrais (Ferretti, 2013; Bastide, 1971; Silva, 2005).

Referências

BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1971.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

JUNIOR, João Campos. **As religiões afro-brasileiras: diálogo possível com o cristianismo**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1998.

MARTINS, Marcus. **Comunicação e Negritude: A representação de Iemanjá na Moda Brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

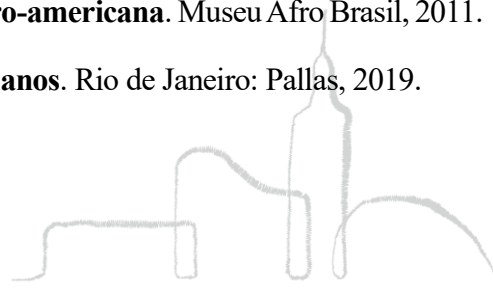
QUERINO, Manuel Raymundo. **Costumes africanos no Brasil**. Prefácio e notas de Arthur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

THOMPSON, Robert Farris. **Flash of the spirit: Arte e filosofia africana e afro-americana**. Museu Afro Brasil, 2011.

VALLADO, Armando. **Iemanjá: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

EXTRA. A rainha do mar te deixará enérgico e impetuoso. **Extra**, [s. l.], 4 fev. 2012. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/a-rainha-do-mar-te-deixara-energicoimpetuoso3512892.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

EXTRA. Yemanjá na África, Iemanjá no Brasil. **Extra**, [s. l.], 2 fev. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/yemja-na-africa-yemanja-no-brasil22356755.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FORÇAS DE ARUANDA. **Iemanjá**. Disponível em: <https://forcasdearuanda.com.br/iemanja/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

